

40º Encontro Anual da Anpocs.  
SPG nº 17: Juventudes: trajetórias, sociabilidades e performatividades.

**Circuitos juvenis e fluxos culturais entre fronteiras.**

**Gilberto Geribola Moreno**

Em março de 2015 iniciei uma pesquisa exploratória na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai) com o intuito de reconhecer grupos juvenis que estivessem envolvidos em diferentes práticas culturais. Com esse propósito fixei residência na cidade de Foz do Iguaçu e iniciei por essa cidade uma pesquisa cujo objetivo era compreender as relações entre os diferentes grupos culturais juvenis, suas interações e a possível criação de configurações culturais efetivadas por meio da agência, dos circuitos e trajetos dos grupos culturais juvenis da região. Minha imersão em uma cidade de fronteira trouxe a impressão, em um primeiro momento, de que Foz do Iguaçu tinha certas semelhanças com outras cidades médias ou pequenas. Refiro-me a uma maior fluidez do trânsito, certa percepção de que a temporalidade é estendida, assim como o ritmo menos acelerado que o das metrópoles e, especialmente, o hábito do encontro nas calçadas defronte às casas no final da tarde para conversar e, neste caso seguindo a tradição sulista, bebendo chimarrão ou tererê. Ao mesmo tempo eu percebia que Foz do Iguaçu apresentava características distintas, particularidades que pareciam próprias da região de fronteira. Nesse primeiro momento da pesquisa tudo era muito marcado pela primeira impressão e pela adaptação ao ambiente a ser pesquisado. Embora a literatura sobre a região informasse vários aspectos desse ambiente eu me orientava pela noção da experiência etnográfica (MAGNANI, 2002; 2009) em minha inserção e observação das dinâmicas locais. Seguindo os preceitos e orientações do método etnográfico eu comecei a deambular pela cidade, observar algumas práticas culturais, conversar com as pessoas, anotar aquilo que me parecia relevante em meu caderno de campo.

Um de minhas primeiras percepções sobre a cidade foi a carência de espaços públicos nos quais eu esperava encontrar grupos juvenis a desenvolver suas práticas culturais. A dimensão da cidade média e os hábitos de seus moradores contribuíam para essa percepção. Alguns interlocutores jovens repetiram, com poucas variações, que “nós temos poucas baladas. Nossa diversão é se reunir na casa de um amigo para beber, ouvir música e conversar”. Esse depoimento reiterado insistentemente chamava a atenção para um tipo específico de sociabilidade voltada para o âmbito privado da vida. Parecia confirmar outra impressão que eu tive que dizia respeito à dificuldade de encontrar grupos juvenis circulando pela cidade. Por meio das informações dos cidadãos iguaçuenses eu soube que na Praça da Bíblia e, em especial, em um espaço voltado para atividades culturais – o Barracão - se reuniam diferentes grupos juvenis. Obviamente há

outros espaços que promovem encontros juvenis na cidade. Alguns em suas bordas, por exemplo, a “comuna” do rapper Mano Zeu que eu viria a conhecer tempos depois, alguns espaços de sociabilidade juvenil embalados pelo consumo de música sertaneja e shows de diferentes estilos. Mas, também, aqueles espaços voltados para o turismo e, em sua maioria, de localização mais central. Porém, ao perguntar para uma vendedora de lanches na Praça da Bíblia o que distinguia aquele espaço de outros da cidade ela respondeu que “é aqui que vem o povão. Se você quer conhecer o povo de Foz tem que ser aqui. Lá para o centro vão mais os almofadinhas, os filhinhos de papai e os turistas, é claro”. A observação e alguns depoimentos com o sentido deste me apontavam que ali poderia ser meu ambiente de pesquisa.

A partir desse momento passei a acompanhar as atividades desenvolvidas nesse local, com especial atenção ao espaço voltado para atividades culturais, o Barracão. Destas atividades optei por acompanhar *de perto e dentro* o grupo Maracatu Alvorada Nova que ensaia nesse espaço. Se de um lado eu pretendia discutir os fluxos culturais transfronteiriços pensando a tríplice fronteira como espaço de investigação ao deparar com um grupo de maracatu, reconhecida manifestação cultural pernambucana, em uma cidade do Paraná, via, por outro lado, que havia diferentes fronteiras sendo transpostas e fluxos de múltiplas direções.

No próximo tópico apresentarei as linhas gerais da pesquisa na qual se apoia este texto e os apontamentos e reflexões sobre os trajetos e circuitos desenvolvidos pelos jovens que fazem parte desse grupo de maracatu. O artigo está dividido em três partes. Na primeira apresento alguns elementos sobre a região da tríplice fronteira com o fito de situar o leitor no ambiente do trabalho etnográfico que venho desenvolvendo na região. Apresentam-se, também, alguns aportes teóricos e as opções metodológicas que orientam o trabalho de campo e a escrita. A segunda parte do texto é dedicada à apresentação de alguns apontamentos da etnografia realizada na região e, em particular, a abordagem sobre o grupo Maracatu Alvorada Nova e as interações observadas entre este grupo e outros atores. Por fim apresento algumas considerações finais que acredito devam ser aprofundadas com o desenvolvimento de uma segunda etapa da pesquisa.

## **O ambiente da pesquisa: a tríplice fronteira.**

A Tríplice Fronteira, assim denominada depois dos atentados às torres do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, é composta por três cidades: a brasileira Foz do Iguaçu, Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazu, no lado argentino da fronteira. Essa região é conhecida pela pujança das Cataratas do Iguaçu, no lado brasileiro e argentino, sendo um dos principais destinos turísticos no Brasil. O gigantismo de Itaipu, uma das maiores hidrelétricas do mundo, compõe a grandiloquência da região e é também um destino de turistas. Ciudad del Este destaca-se pelo comércio de diferentes bens de consumo e Puerto Iguazu por seus bares, restaurantes e os vinhos comercializados a preços convidativos. Outra peculiaridade da região é a grande presença de grupos étnicos distintos, dentre os quais, ganham especial destaque na narrativa local os grupos guaranis e as comunidades árabes e asiáticas. A presença de grupos guaranis circulando pelas fronteiras locais segundo suas próprias definições territoriais é um fator que introduz complexidade aos fluxos da região uma vez que estes não se orientam pelas delimitações fronteiriças estabelecidas pelos Estados nacionais.

Do lado paraguaio o destaque é para o comércio de Ciudad del Est mercado, em alguns casos, por ilegalismos e ilicitudes, segundo tem sido divulgado pelas diferentes mídias. Na porção paraguaia sobressai, ainda, a presença dos brasiguaios, termo que deriva da migração de brasileiros para o Paraguai constituindo um grupo heterogêneo composto por fazendeiros, trabalhadores por empreita, posseiros e trabalhadores sem terra (ALBUQUERQUE, 2005; 2009). Pode-se observar que a própria junção de duas palavras (brasileiro e paraguaio) para construir o vocábulo que nomeia esse grupo sinaliza a constituição de um hibridismo local. A cidade de Puerto Iguazu é pouco lembrada pelo discurso externo, mas mantém, também, intenso fluxo fronteiriço, sobretudo para atividades de lazer de grupos de brasileiros que buscam o ar pitoresco da região, seus vinhos e queijos.

Somam-se a esses elementos a diversidade de línguas faladas no território como guarani, português, espanhol, árabe e as línguas asiáticas, e, também, o “portunhol”, designação de um hibridismo linguístico que combina português e espanhol

em uma articulação inovadora<sup>1</sup>. Todos esses elementos sinalizam a diversidade cultural da região, constituída por grupos tradicionais, mas, também, por manifestações que estão em sintonia com as novas configurações sociais do mundo globalizado.

Há, ainda, outros marcadores negativos que têm sobressaído na caracterização desse território, especialmente a porosidade da fronteira que facilitaria o tráfico de drogas e, especialmente no caso da fronteira entre Paraguai e Brasil o tráfico de armas.

Desde os atentados ao World Trade Center em 2001, a região passou a receber a atenção internacional, em especial do serviço de inteligência dos Estados Unidos da América, devido à presença da população árabe e muçulmana. Aventou-se, por ocasião dos atentados, a possibilidade da existência de células dos grupos Hezbollah e Al-Qaeda nestas cidades, suscitando um discurso sobre a região que a caracterizava como uma “terra sem lei” na qual proliferavam grupos de apoio ao terrorismo internacional. Nas palavras de Montenegro & Bêliveu (2006: P.17):

(...) comienza a ser categorizada como um área com características propias, al ser construida como noticia em la prensa internacional y nacional. El discurso periodístico assimila la zona a um espacio transnacional, uma tierra sin ley, que escapa a los controles estatales. La Triple Frontera se convierte em metáfora de las “zonas grises” y de los amenazantes espacios a los que se atribuye imprevisibilidad, em el marco de discursos relacionados com agendas de seguridad, em la era del “terrorismo global”.

Embora esse quadro seja excessivamente genérico ele aponta a existência de certo olhar para a região que, orientado de fora, pode estar imputando à zona fronteiriça características estereotipadas e, muitas vezes discriminatórias, que não abrangem as possíveis diferentes manifestações socioculturais de seus habitantes. Inclusive, esse olhar estereotipado sobre a Tríplice Fronteira, pode dificultar a percepção da existência de um contra discurso, expresso em diferentes ações e linguagens, bem como de práticas orientadas no sentido de se opor à visão corrente e de senso comum sobre a região redefinindo o território e as relações de seus habitantes.

Sabe-se que as fronteiras nacionais se definem de um lado pelos marcadores políticos administrativos, delimitadores que podem instituir identidades demarcando

---

<sup>1</sup> O portunhol tem ganhado expressão poética através de algumas obras literárias escritas nesse idioma. Dentre essas se destacam os trabalhos de Douglas Diegues (2006; 2008), escritos, segundo sua denominação, em “portunhol selvagem”.

pertencimentos aos Estados-nação ou a grupos étnicos específicos. As fronteiras podem ser compreendidas, também, como espaços de fluxos de pessoas, bens, símbolos, códigos e signos. Estes encontram certas orientações nos marcadores institucionais, mas, também, podem ser regidos por outras lógicas. Aquelas próprias dos grupos que compõem o espaço fronteiriço. Seguindo essa perspectiva, trata-se de compreender a região da tríplice fronteira como um espaço integrado através da ação e das práticas cotidianas (de CERTEAU, 1996) de seus habitantes que podem em diferentes medidas criar contra discursos, sobretudo, em relação aos estereótipos de “terra sem lei”: região caracterizada pela presença do terrorismo internacional do tráfico de armas e drogas e pelo contrabando. As dinâmicas instituídas pelas práticas culturais, pela circulação e fluxos de objetos, signos e pessoas, podem, também, promover a constituição de diferentes configurações socioculturais e de híbridos resultantes do intercâmbio entre distintos elementos significantes nesse território. Desse modo, a região da tríplice fronteira exige uma abordagem que lhe tome como um espaço ampliado para além das três fronteiras. Adentrando-se nos territórios dos respectivos Estados-nação que a compõem e abordando os espaços de interação que transbordam o espaço imediato. Nesse sentido, a tríplice fronteira é compreendida como um todo articulado abarcando as demais cidades da região. Segundo as afirmações de Pozzo (2014):

Ciudad del Este, Foz do Iguazu, Puerto Iguazu, deben ser estudiadas y pensadas como realidades integradas en la region (...) El espacio socialmente construido ya no puede ser estudiado y pensado desde la realidad de una sola lengua y un único territorio. Se hace cada vez mas urgente estudiar los asentamientos-en-movimiento, las transfronteras y los espacios deborderizados para poder comenzar a entender algo de este complejo enmarañado social denominado Triple Frontera (pp. 27-8).

A Tríplice Fronteira pode ser compreendida como um complexo social e ser definida como uma “zona fronteiriça” na qual ocorrem intercâmbios de diferentes ordens em meio às indefinições de um espaço com certa opacidade cultural (GLISSANT, 2005). De acordo com Hannerz (1997, p.23) a “zona fronteiriça pode ser “explorada com mais criatividade por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, organizando seus recursos de novas maneiras, fazendo experiências. Nas zonas fronteiriças, há espaço para a ação [agency] no manejo da cultura”. Fato observado nas interações cotidianas de seus

moradores que mobilizam distintos recursos materiais e simbólicos que remetem a outros elementos da reflexão proposta por Hannerz (1997) sobre as fronteiras. Assim, a discussão acerca dos *fluxos culturais* nas regiões de fronteira deve se apoiar em um tripé que conta com dois outros termos: a *fronteira* como elemento que demarca pertencimentos e *hibridações* que resulta do intercâmbio entre diferentes elementos.

O termo “zona de fronteira” apresenta certa funcionalidade analítica no sentido de se abarcar toda região, e permitir compreender a fronteira político administrativa como um elemento que institui certos marcadores sociais da diferença que compõem a vida daqueles que residem nas cidades da tríplice fronteira<sup>2</sup>. Nesse movimento de diferenciação assiste-se a um diálogo entre os termos institucionais que demarcam as fronteiras e aqueles que os deslocam por meio da ação dos sujeitos que habitam os espaços fronteiriços, criam “híbridos culturais”<sup>3</sup> e promovem processos de integração.

Embora seja uma tentação abandonar a perspectiva institucional da fronteira em prol da constituição de uma região marcada pela diversidade e de híbridos culturais percebe-se, através da etnografia, que os moradores se apropriam dos limites políticos administrativos como marcadores em seus deslocamentos e definidores de diferenças entre os demais moradores da região. Segundo o depoimento de um jovem: “Nós somos paraguaios. Então temos nossas especificidades que são diferentes das de vocês. E não tem nada a ver com o comércio daquele canto da cidade (se referindo à zona de comércio de Ciudad del Este). Se você entrar mais pela cidade você vai ver outro Paraguai, outro ritmo, outro tudo. Temos um ritmo próprio, um jeito de encarar a vida de outra maneira que não tem nada a ver com o jeito brasileiro” (Pablo)<sup>4</sup>. Frequentador assíduo dos eventos que se realizam do lado brasileiro da fronteira, este jovem aponta uma característica constante em meus interlocutores: a ênfase no estabelecimento das diferenças entre os grupos e dinâmicas de integração marcando as características de cada

---

<sup>2</sup> Alguns trabalhos têm apontado que a fronteira abarca outras cidades e mesmo a perspectiva nativa, em algumas ocasiões, extrapolam as três cidades aqui delimitadas como componentes da tríplice fronteira. Por uma questão de recorte empírico optei por trabalhar com as cidades mais reconhecidas como pertencentes a essa fronteira.

<sup>3</sup> Eagleton (2003), Said (1995) e Garcia Canclini (2011) entre outros apontam que as culturas dialogam, estão todas envolvidas umas com as outras e que de certo modo não há cultura isolada ou pura fato que justificaria a noção de hibridismo cultural. Nesse sentido adoto aspas no termo “híbridos” por compreender que este apresenta certa fragilidade conceitual.

<sup>4</sup> Optei por trocar os nomes de alguns interlocutores para preservar-lhes anonimato. No entanto, para aqueles de projeção pública mantive seus nomes originais, pois entendo que são facilmente identificados mesmo sob um nome fictício.

grupo relacionado ao seu pertencimento nacional. Ao mesmo tempo por meio das ações de diferentes ordens (econômicas, sociais, culturais etc.) desenvolvidas pela circulação no território se implementam dinâmicas que instituem novas configurações socioculturais.

Em minha pesquisa na região venho acompanhando um grupo de maracatu cujos participantes são em sua maioria brasileiros residentes em Foz do Iguaçu. Porém alguns membros do grupo são paraguaios de Ciudad del Este e, com uma participação menor, alguns argentinos da cidade de Puerto Iguaçu. O regime de interação entre os membros do grupo e as atividades nas quais o grupo se insere promovem certos deslocamentos dos membros do grupo – os batuqueiros – entre essas cidades e, em especial, no trajeto definido pela travessia da Ponte da Amizade que liga Brasil e Paraguai e da Ponte da Fraternidade que liga Brasil e Argentina.

Observa-se, no cotidiano da região uma maior interação e circulação entre as cidades de Foz e Ciudad del Este. Facilitada, em boa medida, pela Ponte da Amizade e uma fiscalização menos incisiva na aduana paraguaia. O grande fluxo de pessoas entre essas cidades se desenvolve principalmente devido ao comércio de bens eletroeletrônicos e outros produtos oferecidos do lado paraguaio com preços mais acessíveis. Os deslocamentos dos moradores das cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este são realizados mais frequentemente para compras e trabalho. Nesse aspecto há deslocamentos nos dois sentidos entre Brasil e Paraguai de pessoas que trabalham no comércio de Ciudad del Este e residem em Foz e vice versa. Um trajeto que desponta com certa peculiaridade é o de diaristas e empregadas domésticas que saem do lado paraguaio para trabalharem em Foz. Todas as manhãs e finais de tarde observam-se mulheres paraguaias caminhando sozinhas ou em grupo vindo ou indo para os pontos de ônibus que dão acesso ao Paraguai. O contingente de paraguaias no serviço doméstico brasileiro é impulsionado pelo baixo preço desta mão de obra que custa trinta por cento a menos que uma diarista ou empregada brasileira.

Embora se observe um intenso deslocamento de pessoas pela Ponte da Amizade, que liga as cidade de Foz à Ciudad del Este, para fins de trabalho e comércio, a especificidade desse trajeto no caso dos jovens observados em minha pesquisa é seu deslocamento para fins de cultura e lazer. Um conjunto de bares forma um circuito de lazer para os jovens da região especialmente na cidade de Foz do Iguaçu. Este circuito reúne espaços voltados para o rock nos quais é comum a apresentação de grupos de rock



paraguaios, muitos restaurantes frequentados por residentes e turistas, diferentes espaços dedicados à música sertaneja (hegemônica na cultura local) e, mais recentemente, observa-se a constituição de um circuito LGBT. É importante apontar a presença de um circuito de cultura negra na cidade de Foz que se ramifica para as outras cidades transfronteiriças. Além do grupo de maracatu cuja identificação é com a cultura negra encontra-se em Foz um grupo de Dança Afro; um grupo de afoxé, A Comuna, espaço dedicado ao Hip Hop; a Festa Preta, organizada por jovens negras e negros; encontro de hip hop no Barracão; o Terreiro da Mãe Odete, no qual se realizam diferentes eventos sagrados e profanos. Interessante notar que o maracatu, o terreiro e o hip hop têm suas versões do lado paraguaio da fronteira apontando a “exportação”, especificamente no caso do maracatu e do terreiro, de práticas culturais brasileiras.

Os deslocamentos entre Foz e a cidade de Puerto Iguazú são em menor número e com outras finalidades, mas, no caso dos jovens residentes na região, prevalecem aqueles voltados para o lazer e a cultura. Cidade de menor porte, Puerto, como é chamada localmente, não oferece as mesmas mercadorias que a cidade paraguaia, mas se destaca por uma atividade noturna com bares, cafés e pelos restaurantes que servem comidas típicas da Argentina, um atrativo para os turistas que visitam a região. Embora seja uma cidade que apresente essas opções de lazer os membros do grupo que tenho me dedicado a acompanhar não realizam deslocamentos constantes para essa porção do território. A distância maior em relação à Foz e uma fiscalização aduaneira mais rigorosa do lado argentino estabelece certas dificuldades quanto ao fluxo para essa cidade daquele que se realiza para Ciudad del Este. Não obstante, a participação de jovens argentinos dessa cidade no grupo de maracatu possibilitou que o Alvorada Nova se apresentasse no carnaval de 2016 de Puerto Iguazu e Puerto Esperanza, outra cidade da região de Misiones.



Cortejo do grupo Maracatu Alvorada Nova em Puerto Esperanza - Argentina. Foto de João Otávio Lourenço.

Com ênfases e frequências distintas a depender da origem constata-se a existência de dois trajetos corriqueiros entre as cidades, mas que se redefinem como um circuito cultural por meio das práticas engendradas pelos grupos juvenis. Reafirmando as diferenças entre os participantes do grupo de maracatu pode se observar que as barreiras aduaneiras e as pontes que ligam as cidades apresentam-se como pórticos, espaços liminares que definem pertencimentos e estabelecem marcadores das identidades nacionais. Percebe-se claramente a partir da pesquisa de campo diferenciações engendradas pelo pertencimento aos Estados Nação e o estabelecimento destas diferenças nacionais nos depoimentos dos jovens. Embora seja corrente a percepção de que as identidades são fluídas e contingentes (HALL, 2006) elas se apresentam na região de fronteira como marcadores sociais da diferença caracterizando cada subgrupo pelos atributos considerados pelo senso comum como constitutivos de cada nacionalidade.

Os jovens das diferentes nacionalidades vêm conferindo outro sentido aos trajetos entre as cidades deslocando-o das referências comerciais e agregando um número crescente de jovens em atividades culturais dos dois lados das pontes. Em uma tentativa de assinalar esses deslocamentos no próximo tópico me concentrarei na apresentação dos apontamentos etnográficos sobre o grupo de maracatu Alvorada Nova em sua circulação pelas cidades fronteiriças.

### **Alvorada Nova: sob o signo da diferença.**

“Axé Nação Porto Rico,

Axé Semente de Angola,

Axé Alvorada Nova,

Ogum,

verde e vermelho”.

Ao final dos ensaios do grupo de maracatu os participantes formam uma roda mantendo-se lado a lado e com os braços sobre os ombros uns dos outros. No centro do círculo deixam os instrumentos. Alison, o mestre do grupo, profere as três primeiras frases escritas acima que são respondidas pelo grupo por meio da expressão “axé”. O grupo realiza um movimento em onda com os corpos se deslocando no espaço em círculo sem que seus participantes retirem os braços do ombro de seu vizinho de roda. Em uníssono todos verbalizam o cumprimento axé em uma sequência longa do vocábulo. Por fim, encerrando o ensaio ocorre o chamamento a Ogum e os membros do grupo respondem: “verde e vermelho”, as cores da nação Porto Rico<sup>5</sup>. Assim se encerram todos os ensaios do grupo que são realizados no Barracão Cultural, espaço voltado para diferentes práticas culturais desde os anos 1990. Este espaço foi criado por Betinho, um agente cultural da cidade de Foz do Iguaçu, que desde que instalou o barracão passou a residir em Foz constituindo família com uma moradora, também envolvida com práticas culturais. A família estendida do casal – contando-se as irmãs de sua esposa – também tem atuação reconhecida no ambiente cultural da cidade. Desde que montou o Barracão apenas por um período de três anos Betinho não esteve à frente das ações desenvolvidas neste local. Segundo suas palavras: “teve um prefeito que cismou com a gente e não quis a gente aqui. Então vieram outras pessoas que não fizeram nada. Depois a gente voltou e passamos a fazer o festival de teatro que durou mais de dez anos. Agora o teatro tá mais com as meninas e eu acho que a gente tem que ampliar. Por exemplo, para essa discussão da cultura popular. Até 2013, quando surgiu o Alvorada, não se discutia cultura popular na cidade”. (Relato reconstituído no caderno de campo)

---

<sup>5</sup> Existem duas denominações de maracatu. O maracatu de nação ou do baque virado e o maracatu rural ou do baque solto.

O Barracão comporta um palco para apresentações teatrais e um auditório para aproximadamente cem pessoas. Na entrada há um guichê para a venda de ingressos para assistir aos espetáculos. Estes são produzidos pelos grupos da casa, mas ocorrem, também, no Barracão, espetáculos de outras localidades oriundos de outras cidades brasileiras ou dos países vizinhos. Atrás do palco há uma sala na qual se guardam instrumentos musicais do grupo de maracatu, figurinos etc. Uma cozinha e um banheiro completam o espaço dos fundos do Barracão. A área externa serve de estacionamento e espaço de convivência no qual são realizadas algumas atividades como, por exemplo: comemorações pelo aniversário dos diferentes grupos que utilizam o espaço, feira de trocas, exposições etc. Seguindo o tipo de construção peculiar à região sul o Barracão é construída em madeira, constituindo-se em um galpão com o piso em cimento queimado. O local não conta com equipamentos e instalações sofisticadas, mas não apresenta um ar de precariedade ou excesso de improvisos.

Está localizado na Praça da Bíblia, local que reúne diversos trailers estacionados ao largo da praça que oferecem diferentes tipos de comida: espetinhos, mandioca recheada (escondidinho), hambúrgueres, yakissoba, sawuarma, costelas de porco, maçã do amor, cervejas, refrigerante, sucos etc. Alguns vendedores trabalham com produtos originários do Paraguai como brinquedos eletrônicos, CDs e DVDs piratas etc. A praça é frequentada por muitos casais com ou sem filhos e jovens de diferentes idades. A frequência dos jovens à praça destina-se ao consumo de lanches após cultos religiosos, “abastecer as baterias” após a prática do skate, paquerar ou para o “esquenta” antes de começar a noite, sobretudo aos sábados. O grupo de maracatu algumas vezes abandona as dependências do Barracão e faz incursões pela praça em rápidas apresentações que sempre causam muita sensação rompendo com a rotina do local marcado pela calma daqueles que sentados à suas mesas comem, bebem e conversam.

Tradicionalmente os grupos de maracatu de nação têm relações com os terreiros de candomblé, fato sempre lembrado por Alison, o mestre do grupo. No entanto, pessoas de diferentes denominações religiosas participam deste grupo e acompanham as manifestações vinculadas às entidades de matriz africanas que compõem o panteão religioso do candomblé.

Desde sua origem o grupo Maracatu Alvorada Nova estabeleceu seus laços com um terreiro de candomblé localizado nas imediações da Praça da Bíblia. Embora aqueles que não seguem essa religião acompanhem, nos ensaios, as referências aos orixás

em outras ocasiões não o fazem e, também, não frequentam o terreiro. Mesmo o mestre do grupo tem dito que “eu não tenho cumprido com minhas obrigações e a Mãe Odete me cobra por isso”. A frequência incerta e irregular ao terreiro tem causado certa controvérsia nas relações entre os membros do maracatu com outros grupos referenciados à cultura de matriz africana e, particularmente, com aqueles que são frequentadores do terreiro.

Um episódio ilustra a relação que se estabelece entre esses grupos. Na comemoração do aniversário de dois anos do grupo organizou-se uma grande festa no Barracão à qual acorreram jovens das três cidades fronteiriças e de algumas cidades do entorno paranaenses. A organização ficou a cargo de grupos responsáveis por diferentes atividades: grupo da recepção, das comidas, das bebidas, da limpeza, cabendo aos argentinos providenciarem vinho, sua especialidade nacional. Toda a área foi tomada pela festa e as diferentes atividades e apresentações de artistas locais em apoio ao grupo. Mãe Odete, a mãe de santo do terreiro ao qual o líder do maracatu estabeleceu seus vínculos e obrigações, foi convidada a proferir uma palestra sobre o candomblé e seus orixás. Essa palestra contou com um número expressivo de público. O Terreiro de Mãe Odete é um dos mais antigos da região e conta, além dos vínculos com o grupo de maracatu, com um grupo de afoxé e alguns jovens que organizam festas cujas temáticas são as a história e cultura negra. Após sua palestra o público fez perguntas à mãe de santo que as respondeu em tom descontraído, mas acentuando que “o povo de santo tem sido vítima de muito preconceito e a gente precisa se opor a isso porque daqui a pouco não vamos poder andar na rua”. Ao fim de sua participação Mãe Odete retirou de sua bolsa uma carta dizendo “nós estamos em um ambiente democrático por isso quero ler uma carta que o grupo de afoxé fez com relação ao que a gente tem visto aqui”. Nesse momento os membros do grupo de afoxé subiram ao palco postando-se ao lado da Mãe Odete numa aparente tentativa de demonstração de apoio, força e união. A carta se referia à tradição do maracatu como cultura de matriz africana, seu vínculo histórico ao candomblé, e enfatizava a falta de comprometimento do grupo com essa tradição; a pouca aproximação dos membros do grupo com o terreiro e a apropriação indevida da cultura negra por parte do grupo de maracatu. O grupo de Afoxé afirmava que aquele “maracatu era apenas um grupo artístico cultural e que, por isso, não contribuía e até mesmo negaria a luta do povo negro”. Ao término da leitura da carta a mãe de santo e o grupo de Afoxé se retiraram da festa restando apenas dois de seus membros. Dado o

anticlímax criado pela leitura da carta nos dias subsequentes acionou-se toda uma série de dispositivos para aproximar os dois grupos e dirimir as dificuldades da relação. Reuniões foram realizadas e nos grupos se discutiu o teor e a pertinência da leitura da carta. As posições de fato apresentaram-se conflitantes, pois o grupo de maracatu entende que não se apropria da cultura negra no sentido que lhe é imputado pelo grupo de afoxé, mas que toca maracatu e, mais importante, que sua vinculação específica é com o Maracatu Nação de Porto Rico, ramificação original da Praia do Pina, em Recife. Mestres da Nação Porto Rico de Recife foram acionados – por coincidência um estava em Foz - afirmando a filiação do grupo àquela nação. Com a filiação esclarecida cabia apaziguar os ânimos. Novas reuniões ocorrerão entre o mestre do grupo de maracatu e a mãe de santo. O retorno às boas relações foi selado com a participação do grupo que tocou um baque em uma festa do terreiro dedicada a Oxóssi. A mãe de santo agradeceu a todos pela presença e pediu desculpas pelos desentendimentos. No entanto, as relações ainda se mantêm sob alguma névoa de desconfiança, caracterizada pela diferentes opções com que cada grupo lida com sua prática cultural e se relaciona com as diferentes instâncias locais.

O grupo de maracatu atua por meio de uma lógica de acoplamento (HALL, 2006) dos diferentes elementos culturais dispersos pelo território. Busca referências na tradição que remonta à Nação Porto Rico, articula-se ao Terreiro da Mãe Odete – fato crucial para os grupos de maracatu - mas, ao mesmo tempo aciona elementos que se coadunam a outras lógicas e princípios. Afirma o pertencimento a uma linhagem dentro do maracatu denominado Nação Porto Rico, grupo histórico recifense que deita raízes no início do século XX e que, por sua vez, afirma-se como herdeiro das tradições africanas. Em todas as apresentações o mestre do Maracatu Alvorada Nova afirma pra à plateia que “o maracatu é uma tradição da cultura negra, nós somos ligados ao candomblé, uma religião de matriz africana. Maracatu é isso: cultura popular negra de matriz africana e de culto aos orixás”. Vale a pena realçar que o grupo faz várias apresentações no circuito cultural das cidades próximas no Brasil e nos países vizinhos em eventos que não estão relacionados com as culturas afrodescendentes. Quanto aos participantes do grupo, como já foi dito anteriormente, a maioria de seus membros não têm ligações com o candomblé

ou religiões de matriz africanas. Com referência ao marcador social de diferença cor/raça eu afirmaria que a maioria dos participantes do Alvorada Nova são brancos<sup>6</sup>.

Embora eu não acompanhe diretamente o grupo de afoxé observo que não se pode afirmar que este não articule elementos estranhos à tradição que advogam e que reivindicam como elemento característico e fundamental dos grupos culturais de matriz africana e, em especial deles próprios. A observação desta controvérsia com o maracatu permite afirmar que eles fazem certo uso estratégico de um pretense essencialismo cultural negro nos moldes apontados por Spivak (2014), pois estão no mesmo campo de atuação do maracatu ao qual denominam como cultura popular e disputam os mesmos espaços de apresentações, representações e financiamentos.

De todo modo observa-se que o grupo de maracatu tem uma perspectiva de atuação marcada pela mobilidade sobre o território que lhe confere uma maior inserção social e exposição pública. Nesse sentido sua prática está em sintonia com as ações e práticas culturais dos grupos de maracatu mais conhecidos e com maior tempo de atuação. Segundo um expoente da Nação Porto Rico “hoje são muitos os que estão viajando dando oficina de maracatu. Eu estou viajando faz um mês, indo de cidade em cidade. Meu marido está em Paris para um encontro de oito grupos que tem lá” (Mestre Ana). Seguindo as observações de Ortner (2006) eu diria que “expressões como “cultura pública” ou, nos termos de James Clifford, “cultura viajante” (1997) dão conta dessa visão mais móvel das formas e das forças culturais” e com isso deslocam a tradição e sobrepõem novos elementos sobre esta recriando a cultura que se inova por meio da experiência dos agentes. Em outros termos eu afirmaria que esses grupos atuam embasados em certos elementos das tradições, porém deslocando alguns componentes e agregando outros de diferentes origens e nesse movimento vão recriando novas manifestações e práticas culturais.

O grupo de maracatu Alvorada Nova tem percorrido as cidades da região fronteira participando de diversos eventos. Realiza suas apresentações, na maior parte das vezes, sem cachê, apenas com uma ajuda de custo. Reconhecido como ponto de cultura pelo Ministério da Cultura recebe uma verba que exige como contrapartida

---

<sup>6</sup> Essa definição passa pela minha observação visual. Reconheço certa dificuldade em definir cor/raça sem ouvir a manifestação das pessoas abordadas. Contudo, dado o momento em que se encontra a pesquisa optei por correr o risco de uma definição apressada que pode, eventualmente, ser redefinida futuramente por meio da auto declaração dos participantes.

apresentações e a realização de oficinas nas escolas da região<sup>7</sup>. Dentre suas apresentações algumas são feitas nas cidades além dos limites fronteiriços e que, evidentemente, não constam da exigência de contrapartida por parte do ministério. Essas apresentações ocorrem após o convite de uma associação ou grupo dos países vizinhos e decididas por meio do debate entre os participantes do maracatu. De certo modo é uma atividade espontânea do grupo marcada por certa reciprocidade com os grupos paraguaios ou argentinos. Dentre essas atividades o grupo foi convidado a se apresentar na “Primeira Festa da Cultura de Ciudad del Este”, realizada no dia 02 de maio de 2015 e organizada por um grupo de jovens paraguaios dedicados à promoção de atividades culturais na cidade.

O visitante de Ciudad del Este em geral percorre as lojas de produtos eletrônicos, perfumes, e diferentes produtos de distintas origens atrás de um bom preço cuja revenda seja garantida com lucro ou apenas que a economia de algum dinheiro justifique a visita. Nesta parte da cidade o burburinho entre compradores e vendedores é intenso, chegando a ser desconfortável, o tráfego é caótico e o visitante sofre todo tipo de abordagem nas ruas. Contrapondo-se às primeiras impressões sobre a cidade vislumbra-se, após percorrer-se a zona de intenso comércio pela qual ela é conhecida e visitada, uma grande praça na qual os moradores passam seu tempo livre e desfrutam os finais de semana entre brincadeiras, jogos de futebol, pique nique com a família etc. A área impressiona pela grandiosidade, pois fora o aeroporto da cidade, agora transformado em espaço de sociabilidade e lazer. Situado na avenida principal o visitante encontra um lago com pessoas caminhando ou correndo em suas margens, mais acima a praça que se estende por um longo trajeto. Quadras poliesportivas, pistas de skate, playgrounds. Foi nesse espaço, entre o lago e a outra parte da praça que um grupo de jovens realizou a Festa da Cultura de Ciudad del Este. Um trecho da praça foi reservado para as apresentações de shows de grupos locais. Nele montou-se um palco para apresentações de teatro e música. As bordas desse anfiteatro foram iluminadas com velas aromáticas colocadas dentro de arranjos feitos de cascas de laranjas ressecadas. Barracas com comidas vegetarianas ofereciam diferentes quitutes e outras comercializavam artesanatos. Pelo meio da tarde o público era quase que exclusivamente de jovens, porém, com o

---

<sup>7</sup> O reconhecimento como ponto de cultura e a conseqüente ajuda financeira, ainda que aquém das necessidades dos grupos de cultura popular são elementos fundamentais para a garantia da continuidade da produção e divulgação do trabalho desses grupos.



correr das horas outros grupos de idade foram se agregando à festa. Se alguém procurasse uma festa paraguaia típica não a encontraria naquele lugar, marcado pela afluência de jovens com seus códigos denotando o pertencimento a diferentes grupos de estilo.

Para o grupo de maracatu chegar à festa foi marcado um encontro entre dois jovens paraguaios, participantes do maracatu, e alguns membros do grupo em frente ao terminal de ônibus da cidade de Foz do Iguaçu. De lá partimos em ônibus convencional para Ciudad del Leste. Na chegada ainda com poucos participantes percebia-se a frequência mista entre brasileiros e paraguaios que conversavam, na maior parte das vezes que pude observar, em portunhol, a língua franca desse encontro e dos encontros cotidianos entre moradores dessa região de fronteira. Comentando o encontro Augusto, morador desde os anos 1990 de Foz, disse: “aqui a gente tá vendo integração”. Referia-se à evidente interação e colaboração entre os jovens de origens distintas estabelecendo um contraponto aos discursos oficiais acionados por ocasião dos tratados internacionais de integração dos países latino americanos dentre os quais o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL. “A cultura tem esse mérito. Ela reúne as pessoas. Enquanto os caras lá em cima ficam brigando a gente vai fazendo as coisas aqui. Eles nem fazem ideia do que rola por aqui” (Augusto, reconstituição de caderno de campo).

Ocorreram apresentações de teatro e música. Uma peça foi encenada remetendo à “Grande Guerra” entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai<sup>8</sup>. Grupos de rock das duas cidades se apresentaram, bem como de música folclórica paraguaia. Com a chegada da noite o grupo de maracatu se apresentou. Ao soar os tambores pessoas que estavam nas imediações e bordas da praça, acompanhando o evento a certa distância, se juntaram à festa. As mulheres que tocam abê no maracatu colocaram-se perfiladas na frente do grupo. Vestidas com saias coloridas e rodadas e girando ao tocarem o instrumento imprimiam à apresentação uma “marca brasileira”: o “gingado”, a “malemolência” corporal e certa “sensualidade”<sup>9</sup>. Um jovem paraguaio tocava o gonguê marcando o tempo das execuções. Nas caixas nós dávamos o ritmo da música ao passo que as alfaias divididas entre brasileiros e paraguaios tomavam o

---

<sup>8</sup> A historiografia paraguaia refere-se à guerra movida pela tríplice aliança contra seu país de a Grande Guerra. Da qual, eles dizem ainda não terem se recuperado.

<sup>9</sup> Adoto propositalmente certos estereótipos impingidos à mulher brasileira por ter ouvido manifestações nesse sentido no local acompanhadas das expressões “muy buena” “muy garbosa”.

ambiente com sua sonoridade grave<sup>10</sup>. Muitos com suas cuias de chimarrão ou tererê iniciavam os primeiros passos dançando ao som do ritmo pernambucano. Um dos organizadores do encontro manifestava sua satisfação afirmando: “olha que coisa linda. Temos que fazer mais vezes. O maracatu vir para cá é sensacional. Veja como as pessoas curtem” (Pablo).



Fotos da apresentação do grupo Maracatu Alvorada Nova em Ciudad del Este. Fotografo: João Otavio Lourenço.

No mês de outubro de 2015 o mesmo grupo de jovens organizou a Festa Arapoty (primavera) ocupando outro ponto da praça. O teor da festa era “brindar a chegada da primavera com um encontro entre pessoas para compartilharem atividades saudáveis, comidas saudáveis visando à construção de um mundo são”. Segundo o informativo Artes y Espetaculos:

“El evento será artístico, cultural y educativo. Habrá música en vivo, clases de yoga, danza, feria de comidas vegetarianas, jugo de frutas, adopción de animales y entrega de plantines de especie nativa. El grupo Maracatu Alvorada Nova, de Foz de Yguazú, Brasil, será uno de los principales atractivos, además se prevé, danza y exposición nativa de los Maka”.

Mais uma vez a alimentação da festa foi vegetariana ou vegana. A introdução da alimentação vegetariana estabelece um contraponto de destaque aos hábitos alimentares tradicionais da região marcados pela presença da carne bovina, em especial a costela assada acompanhada de mate ou cerveja. Os participantes puderam praticar ioga e

---

<sup>10</sup> O abê é um chocalho feito de uma grande cabaça recoberta de contas. Tocado por meio do balanço das duas mãos em oposição. O gonguê assemelha a um sino de vaca e é percutido com uma baqueta marcando o compasso das músicas. As caixas são mais conhecidas por serem usadas em fanfarras, escolas de samba e compor a bateria. As alfaias são o diferencial do maracatu no que tange aos tipos de instrumentos. Trata-se de grandes tambores percutidos com duas baquetas.

pilates, assistir a apresentações musicais, comprar artesanatos etc. O grupo de maracatu foi anunciado como a principal atração vinda do Brasil. As expectativas em torno dessa “atração vinda do Brasil” podem reverberar toda uma estereotipia já observada no encontro anterior e que põem em diálogo e tensão os marcadores sociais de cada grupo nacional.

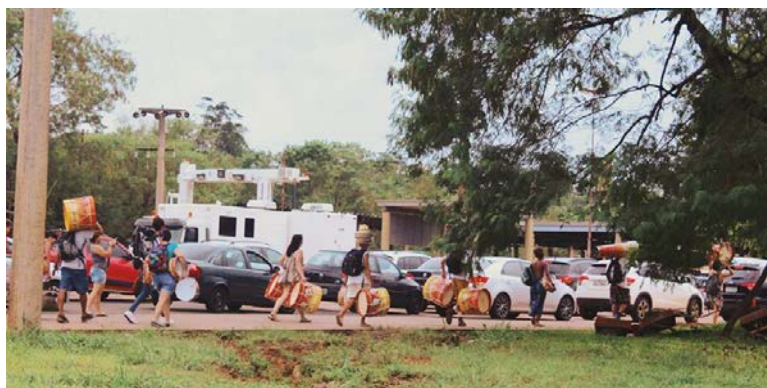
Como ocorrem em todos os seus encontros, seja para ensaio ou apresentações, ao final de sua apresentação nesse evento o grupo de maracatu fez um círculo composto por seus batuqueiros entrelaçando os braços sobre os ombros uns dos outros. Os participantes da feira foram convidados a se reunirem ao grupo: “venham para o axé” interpelavam os membros do grupo aos participantes da Festa Arapoty. Muitos atenderam ao chamado juntando-se ao grupo. Agradecimentos pela presença por parte dos organizadores e pelo convite por parte dos batuqueiros e seu mestre foram a tônica desse momento em uma demonstração de gratidão e reciprocidade entre as partes. Em dado momento uma participante da roda pediu “um axé para essa fronteira que não tem fronteiras”. Todos gritaram axé e alguém bradou “todos nós somos o mesmo povo”. Havia certa emoção no contato entre as pessoas, muitos agradecimentos de um lado pelo convite a participar e, do outro por ter aceitado se apresentar. Pode-se pensar no acionamento de uma relação baseada em uma economia do dom, na qual prevalece a troca simbólica sem a mediação do ganho pecuniário ou do lucro. Soledad, moradora de Ciudad del Este afirma, muito emocionada que “foi linda a presença de vocês aqui na nossa cidade. Cria um clima diferente entre as pessoas, diferente do dia a dia da cidade e do tipo relação que as pessoas têm”.

### **Considerações finais.**

Há duas ordens de fatores a serem apontados que se articulam nesta zona de fronteira constituindo um contexto social peculiar. De um lado observa-se um processo de “integração por baixo” levado a cabo pela ação e deslocamento dos grupos juvenis. De outro se percebe certa centralidade das práticas culturais desenvolvidas pelos jovens da fronteira nesse processo de “integração por baixo”. No caso específico dos jovens aqui observados se estabelece um discurso contra hegemônico baseado na valorização da fronteira como território de pertencimento e realizações simbólicas e materiais.

A globalização, fenômeno que abarca aspectos sociais, econômicos e culturais, apresenta uma dimensão que se opera na escala micro cuja visibilidade está nas barracas e feiras de diferentes produtos pelas ruas das cidades de distintos países. Operando na escala micro não significa afirmar que esta se dê em pequena escala. Pois o conjunto de operações levada a cabo por aqueles que vivem nessa dimensão da globalização movimentam somas vultosas e estão inseridos na lógica da globalização como aponta Ribeiro (2010) ou Tarrus (2002) discute essa questão apontando a existência de uma globalização por baixo, parte constituinte da globalização. Esta teria como característica a ação de pequenos atravessadores, comerciantes numa miríade de atividades que possibilitam a circulação de mercadorias em uma dinâmica “subterrânea”, abaixo das normas comerciais, porém não alheias à lógica da circulação capitalista de mercadoria, bens e pessoas. Ribeiro (2010) sinaliza a existência de uma “globalização popular” que faz circular uma gama de produtos de diferentes origens para os mais diversos destinos. Essa globalização popular tem um locus em Ciudad del Est cuja principal atividade comercial foi durante anos o comércio voltado a suprir os sacoleiros e pequenos comerciantes em busca de produtos eletroeletrônicos originais ou pirateados para vender nas cidades brasileiras. Fenômeno que se inseriu no discurso oficial das cidades, e em especial na cidade de Foz do Iguaçu como o turismo de compras, mobilizando uma série de serviços e contribuindo, nos anos 1980 para a expansão da rede hoteleira e de serviços locais. Nos anos 1990 essas atividades entram em processo de estagnação e decadência fruto da maior abertura da economia, da desvalorização do câmbio entre outros fatores causando o fechamento de inúmeros postos de trabalho formal e informal.

O mesmo fenômeno me parece ocorrer com os processos de integração latino americana cujo maior expoente tem sido os acordos firmados no âmbito do Mercosul entre os Estados. Nos depoimentos observados em campo é recorrente a afirmação da inexistência de fronteiras entre os moradores dos países que compõem a tríplice fronteira. Nas interações entre esses jovens “alternativos” buscam-se referências genéricas da cultura pop e juvenil nas quais se estabelecem suas identificações sobrepostas aos elementos que compõem as diferenças baseadas nas nacionalidades. “Viva a tríplice fronteira sem fronteiras” é uma expressão lançada recorrentemente nas festas e reuniões desse grupo de jovens.



Grupo Maracatu Alvorada Nova atravessando a fronteira com a Argentina. Foto de João Otavio Lourenço.

No marco das práticas culturais exercidas por esses grupos juvenis na região de fronteira cabe pensar esse espaço como um lugar de anunciação (Bhabha, 2005) de novas formas de relações sociais e da criação de formas inusitadas e inesperadas de intercâmbio na dimensão das trocas simbólicas. Ao acompanhar os jovens em minha etnografia pela região observo processos de integração que ocorrem por meio de deslocamentos físicos e simbólicos que marcam as semelhanças e diferenciações entre os jovens. Esse processo se desenvolve no âmbito das cidades e dos eventos organizados pelas juventudes locais instituindo circuitos e trajetos orientados pelas práticas culturais e de lazer. Evidentemente há outros elementos que constituem diferentes circuitos e trajetos. Como fora observado o mundo do trabalho mobiliza um número expressivo de pessoas transpondo as fronteiras de lado a lado. O que parece ser inovador nas relações sociais nessa região são os deslocamentos orientados pelas práticas culturais juvenis.

As práticas culturais são ações coletivas realizadas de maneira quase espontânea, nos momentos de tempo livre, envolvendo, especialmente do lado paraguaio, muito trabalho voluntário e, nos dois lados da fronteira uma proposição discursiva não hegemônica que pode transbordar os limites dos grupos juvenis. “Nós temos muita coisa pra fazer aqui no Paraguai. São mais de trinta anos do partido Colorado e a ditadura que estão presentes em todos os lugares. Por isso precisamos unir forças com todos” (Alexandro).

Assim propugna-se a favor da agricultura familiar e de “uma alimentação sã para uma vida sã” em oposição à monocultura característica da região, avança-se novas formas de interação entre os grupos, difunde-se o debate sobre sexualidade e gênero etc. Essas diferentes frentes de atuação desses jovens possibilitam a elaboração e difusão de práticas culturais que agregam jovens de diferentes origens e pertencimentos sociais.

Essas práticas culturais não eliminam as diferenças entre os membros dos grupos, mas lidam com as tensões entre os diferentes pertencimentos aos Estados nacionais e inauguram uma perspectiva de uma ação juvenil transfronteiriça. Desse modo os jovens acionam elementos compondo um contra discurso que descontrói o discurso hegemônico sobre a região e sua gente elaborado, em grande medida, de fora para dentro.

As práticas culturais juvenis observadas na região podem estar instituindo novos contextos ao transitar por fronteiras sociais, culturais e políticas. Essa mobilidade das práticas culturais “pode ser vista como algo que se desdobra e que é apropriado de maneiras muito mais variáveis do que se supunha ser o caso da cultura em sentido clássico” (Ortner, 2006). Ao transitar por entre os espaços instituindo trajetos culturais transfronteiriços esses jovens estão criando e recriando relações de diferenciação e integração nos quais sobressaem a elaboração de espaços comuns usufruídos pelos jovens dos países que compõem a zona fronteiriça

Esses jovens que estão atuando no campo das práticas culturais compõem um segmento da juventude local que se classifica como “alternativa” em contraposição àquela que esta inserida nas lógicas hegemônicas de consumo cultural. Dai talvez se explique em parte o maracatu encontrar espaço entre esses jovens embora seja uma prática cultural da tradição nordestina. Redimensionada na zona fronteiriça como um componente da esfera da inovação e resistência. Fatores que aglutinam o conjunto de jovens que se identificam com a cultura negra, a LGBT, diferentes denominações do espectro político das esquerdas possibilitando o desenvolvimento de ações que se contrapõem ao discurso hegemônico sobre a fronteira.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia)–Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BHABHA, H. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

- CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano- Artes do Fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. Capítulo VII - Caminhadas pela cidade; Capítulo IX- Relatos de espaço.
- DIEGUES, Douglas *et alli*. “Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-em-Portunhol-Selvagem”. O Globo. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777> . Acesso em 25 de setembro de 2015.
- \_\_\_\_\_. *Bichos paraguaios: mitologia popular paraguaia recriada em portunhol selvagem por Douglas Diegues com mucho esperma y sangre du corazon*. 2006. Disponível em: <http://www.bichosparaguaios.blogspot.com.br> acesso em 10 de outubro de 2015.
- EAGLETON, T. A ideia de cultura. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- GARCIA CANCLINI, N. Culturas Híbridas, São Paulo: EDUSP, 2011.
- GLISSANT, É. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- HALL, H. Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HANNERZ, U. *Fluxos, Fronteira, Híbridos: palavras chave da antropologia transnacional*. MANA 3(1):7-39, 1997.
- MAGNANI, J. G. C. & Bruna, M. de S. (orgs) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.
- MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. L. (orgs) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSPFAPESP: 2000.
- MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação ou De como os Baloma de Kiriwana pode reencarnarse nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Ed. UNESP- Ed. Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana*. RBCS, v.17, nº 49, jun. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Etnografia como prática e experiência*. Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32,198 p.129156, jul./dez. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana* São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

- \_\_\_\_\_. Circuito: proposta de delimitação da categoria. São Paulo, 2014 (no prelo).
- MONTENEGRO, S. & BÉLIVEAU, V. G. *La Triplice Frontera: globalizacion y construccion social del espacio*. Buenos Aires, Miño y Davila, 2006.
- ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. Conferência proferida na 25<sup>o</sup> Reunião Brasileira de Antropologia. Goiana, 2006.
- POZZO, A. O. Paraguay y sus fronteras: apuntes sobre culturas em movimento em territórios que se reconfiguram. In: PEREIRA, D. A. (org.) *Cartografias Imaginárias da Tríplice Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.
- RIBEIRO, G. L. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 25 n<sup>o</sup> 74.
- SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TARRIUS, A. *La mondialisation par le bas. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris : Edition Ballande, 2002.